

O MANIFESTO DE EULÁLIA: A IDEOLOGIA MARXISTA PRESENTE NA OBRA DO SOCIOLINGUISTA MARCOS BAGNO

Carlos Alberto O. Neiva Júnior²²
Aracelly Rodrigues Loures Rangel²³

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo expor as ideias que compõem o cerne da tese do professor Marco Bagno apresentadas em seu livro *A Língua de Eulália* e analisá-las dentro da esfera filosófica, revelando assim que por detrás do discurso do preconceito linguístico e da dualidade das divisões de “português padrão” e “português não-padrão” revelam-se um discurso de cunho marxista que insere no contexto linguístico a luta de classes e a desvalorização da cultura letrada, própria do Ocidente, chegando-se à conclusão de que Bagno não erra por uma argumentação linguística, mas distorce os fatos em prol da ideologia gramscista. A partir disso, evidencia-se que as intenções do autor são mais do que uma questão de política inclusiva, mas fazem parte de uma pauta já antiga da agenda comunista. Feitas essas investigações, ainda foi feita uma reflexão sobre o valor da tradição escrita e da gramática para a língua portuguesa.

Palavras-chave: Marcos Bagno, sociolinguística, marxismo cultural, língua e cultura.

INTRODUÇÃO

No Brasil, as faculdades de Letras e Pedagogia estão abarrotadas de estudos em detrimento da gramática normativa e a favor de uma pluralidade de variantes da língua portuguesa. Entre os muitos escritores que se dedicam ao tema, o mais renomado é o professor Marcos Bagno (UNB) que tem lançado livros e livros sobre o preconceito linguístico.

Assim, o objetivo deste trabalho é tratar do seu discurso contido em sua obra *“A Língua de Eulália: Novela Sociolinguística”* (2010), sua primeira obra a

²²Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás e bacharelado em Filosofia pelo *Institutum Sapientiae* da Ordem dos Cônegos Regulares da Santa Cruz.

²³Professora orientadora, graduada em Letras pela Faculdade Anhanguera de Anápolis, Especialista em Assessoria Linguística e Revisão Textual pela Universidade Estadual de Goiás e professora convidada na Faculdade Católica de Anápolis.

tratar sobre esse assunto e, como ele já disse em palestras, é o seu “Manifesto do Partido Comunista”. Porém, o objetivo deste trabalho não é o de apontar erros na sua teoria, que foi muito bem elaborada e que compete à área da Linguística. O que se busca é evidenciar o discurso por trás do seu discurso, isso é, a ideologia marxista que leva Bagno a instituir a luta de classes dentro da língua portuguesa brasileira, pois isso sim é da alçada da Filosofia da Linguagem. Também não é objetivo deste trabalho oferecer uma solução a este problema, mas apenas denunciar o que muitos não veem.

Na primeira parte, apresentar-se-á algumas noções básicas de Linguística, essenciais para compreensão da teoria de Bagno. Depois, segue-se uma apresentação da tese contida no romance de cunho ideológico na qual se resume o fato de que a língua é mutável e essa mudança se dá por meios sociais e históricos, pois “A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua”. (CHAGAS, 2003, p. 150).

Na segunda parte, será tratada a relação de cultura e a apresentação da pauta socialista de ataques à cultura, sendo a língua um dos principais alvos pela sua capacidade de abarcar toda a cultura. Os frankfurtianos, por exemplo [...]

Denominaram sua filosofia de ‘teoria crítica’ porque se abstinha de propor qualquer remédio para os males do mundo e buscava apenas destruir: destruir a cultura, destruir a confiança entre as pessoas e os grupos, destruir a fé religiosa, destruir a linguagem, destruir a capacidade lógica, espalhar por toda parte uma atmosfera de suspeita, confusão e ódio”. (CARVALHO, 2014, p. 162)²⁴.

Na terceira parte se fará uma crítica a essa ideologia que impulsiona Marcos Bagno e se tratará sobre a relação da língua escrita como depósito das tradições passadas e, por isso, digna de preservação, “já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer”. (CHAGAS, 2003, p. 150).

Acredita-se que com este trabalho poderá ser demonstrado o outro lado da moeda, pois a unilateridade da discussão linguística na academia hodierna,

²⁴ Grifo nosso.

sobretudo no Brasil, demonstra uma certa falta de critério científico na ciência da língua. Seguir toda e qualquer mudança da fala pelo simples fato de ser mudança e de imediato a implantá-la na escrita pode ser catastrófico para a cultura, pois “[...] as classes influem na língua, trazem para a língua as suas palavras e expressões específicas, e compreendem por vezes de maneira diferente a mesma palavra e a mesma expressão”. (STALINE J., *apud* MARCELLESI; GARDIN, 1975, p. 95).

Enfim, espera-se que com este trabalho os homens que levantam grandes zigurates de erudição sejam alertados do plano de confusão e dispersão que se operam contra os inimigos da civilização. Não um Deus que pune a soberba humana, mas uma máfia intelectual que decidiu bancar o deus dos pequeninos, que deseja trazer o paraíso material a este mundo às custas do sangue do homem, animal falante.

A SOCIOLINGÜÍSTICA DE MARCOS BAGNO

Como está indicado no subtítulo de sua obra, “*A Língua de Eulália: Novela Sociolinguística*” (2010), Marcos Bagno trata de forma romaneada seu discurso sociolinguístico sobre variantes da Língua Portuguesa e o “preconceito linguístico” (BAGNO, 2011) que essas sofrem. Faz-se necessário, portanto, apresentar algumas noções iniciais de linguística antes de se tratar da vida, obra e pensamento de Bagno.

O que é sociolinguística?

A sociolinguística encontra-se entre os variados ramos da linguística, ciência que estuda a linguagem, ou melhor dizendo, a língua. A distinção é feita pelo linguista francês Ferdinand Saussure que lançou as bases para a ciência linguística com a publicação póstuma do seu *Cours de Linguistique Générale*, em 1916:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente [*sic*] uma parte determinada, essencial
De Magistro de Filosofia – ano XI no. 23 – 2018

dela, indubitavelmente [*sic*]. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 1989, p. 17).

Assim, a linguística se interpreta como ciência da língua (*Idem*, p. 15). Porém, ao menos na sua concepção original, é considerada de forma positivista, pois a língua, como a linguagem, é pensada como um objeto de estudo empírico. “A linguagem é um fato social”. (*Idem*, p. 14)²⁵. É mais tardiamente que receberá influências de outras correntes, como de fato a sociolinguística receberá influências de Chomsky, Labov e, como se pretende demonstrar, Karl Marx, pois “A concepção de sujeito da linguagem varia de acordo com a concepção de língua que se adote” (KOCH, 2005).

A sociolinguística é um ramo da linguística que estuda de forma científica a língua em relação com a sociedade. “A sociolingüística [*sic*] tem como tarefa revelar, na medida do possível, a covariação entre fenômenos lingüísticos [*sic*] e sociais e, eventualmente, estabelecer uma relação de causa e efeito”. (DUBOIS, 2006, p. 561). Assim, a sociolinguística se estrutura como uma ponte entre a linguística e a sociologia²⁶, de uma forma que é utilizada por ambas as ciências, podendo ser também chamada, sobretudo quando ligada mais ao ponto de vista da sociologia, de “sociologia da linguagem”. (*Idem*, p. 562). Esses pequenos detalhes revelam o quanto língua e sociedade estão

²⁵Sobre a diferença de língua e linguagem, faz-se necessário deixar outra distinção a fim de deixar claro como são diferentes e ao mesmo tempo estão interligadas. Saussure declara que “[...] o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a êle [*sic*]”. (*Idem*, p. 17). Essa distinção do que é natural e do que é convencional é muito importante para que se entenda os ataques de Marcos Bagno ao privilégio concedido ao português padrão, variação da língua portuguesa que possui mais prestígio do que a variante português não-padrão, que apesar da sua naturalidade, recebe injúrias sociais tais como o povo que a fala. Nota-se já de início que a Linguística de Saussure tem raiz comtiana enquanto Bagno é adepto da teoria marxista. Bem como na sociologia, na sociolinguística, as ideias de Karl Marx atraíram mais adeptos do que o cientificismo de Auguste Comte.

²⁶ É curioso notar que a Linguística possui um caráter abrangente onde é possível se relacionar com tantas outras ciências. “A Linguística tem relações estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados. Os limites que a separam das outras ciências não aparecem nitidamente”. (SAUSSURE, 1989, p. 13). A Filosofia da Linguagem por exemplo, pode conjugar-se à análise linguística desde à ciência de análise do discurso, onde grandes nomes são os de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, mas também à própria crítica sociológica e ideológica das estruturas sociais refletidas na língua, como se pretende evidenciar nesse trabalho.

relacionados e “[...] implicam a dependência da lingüística [sic] ao social”. (*Ibid.*).

Um dos muitos fenômenos da língua que se percebe na sociedade é a variação de uma mesma língua, seja ao longo do tempo, seja entre os falantes contemporâneos. “Qualquer falante da língua portuguesa que tome contato com textos de outras épocas perceberá que nossa língua sofreu modificações no tempo”. (CHAGAS, 2003, p. 142). Esse fenômeno facilmente observado é chamado de “variação linguística” e é um dos objetos de estudo da sociolinguística. “Chama-se variação o fenômeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social”. (DUBOIS, 2006, p. 609).

Por exemplo, ao se confrontar com um documento do século XIII, é difícil acreditar que se trata da Língua Portuguesa, o mesmo idioma do leitor. Porém, é exatamente o que acontece ao se ler a “Lei dos Almuçarifes”, de D. Afonso II, datada de 1211, contida no *Portugalia e Monumenta Historica, leges et Consuetudines*: “Ca ssemrrazompareçe que aquel que heatormentaadodar-lhi homem outro tormento”. (*apud* CHAGAS, 2003, p. 143).

A Linguística dividiu-se em dois grandes marcos, a escola estruturalista, descendente de Saussure, e a escola gerativista, iniciada por Chomsky. Ambas escolas pretendem relacionar a língua, suas variações e alterações com a heterogeneidade da sociedade. (*Idem*, p. 149). Porém, é Labov que inicia a abordagem sociolinguista variacionista, na qual não procura eliminar da análise o que é variável e mutante. “Pelo contrário, ela faz da variação e da mudança linguísticas os objetos centrais de estudo, relacionando-as justamente a alguns dos aspectos que Saussure e Chomsky quiseram manter fora da análise da língua: a estrutura da sociedade e sua história”. (*Ibid.*).

Como diz o ditado latino “*verba volant, scripta manent*” – embora que com outro sentido do que o dado pelos linguistas variacionistas – a escrita tende a estabelecer muito mais uma determinada estrutura linguística, ao passo que a fala tende a ser mais modelável. Acontece que a língua falada é mais variável e está sempre em mudança enquanto a língua escrita é mais

enrijecida. “A língua escrita vem normalmente a reboque das mudanças ocorridas na língua falada, havendo freqüentemente [sic] uma defasagem entre o aparecimento de mudanças na língua falada e o momento em que elas passam a ser aceitas ou pelo menos toleradas na língua escrita”. (*Idem*, p. 147). É nesta diferença que se encontra o interesse do estudo sociolinguístico variacionista de Marcos Bagno.

Marcos Bagno, Eulália e o preconceito linguístico

Marcos Bagno nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 21 de Agosto de 1961. É professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, doutor em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e mais de trinta títulos publicados entre literatura e obras técnico-didáticas. Atua mais especificamente na área de sociolinguística e literatura infanto-juvenil, bem como questões pedagógicas sobre o ensino de português no Brasil.

Sua primeira obra na área de educação linguística, intitulada *A Língua de Eulália*, publicada em mil novecentos e noventa e sete, conta a história de três universitárias – Vera, Sílvia e Emília – que vão passar as férias na chácara da professora Irene. Lá encontram a Eulália, uma mulher simples com um português caracterizado como “deficiente”, o que causa o riso das meninas. A cultíssima professora Irene repreende as meninas transformando suas férias em uma espécie de curso de atualização pedagógica e de reciclagem dos conhecimentos linguísticos das jovens estudantes. “A fala de Eulália não é errada: é diferente. É o português de uma classe social diferente da nossa, só isso”. (BAGNO, 2010, p. 15). Falando por Marcos Bagno, a simpática dona Irene traz um discurso de caráter científico e combate o preconceito para com as variantes de menor prestígio da Língua Portuguesa.

Inicialmente, Bagno vai distinguir duas formas de português: uma variante aceita pelo consenso e fixada na escrita e outra variante onde se encaixam todas as variantes que diferem da primeira e, por isso, sendo desprezadas pela sociedade. A primeira chamará norma padrão e a segunda,

português não-padrão²⁷. “[...] a ‘unidade lingüística [sic] do Brasil’ é um mito: em nosso país, além das línguas indígenas e das línguas trazidas pelos imigrantes, fala-se diferentes *variedades* da língua portuguesa, cada uma delas com características próprias, com diferenças em seu *status* social, mas todas com uma lógica lingüística [sic] facilmente demonstrável”. (BAGNO, 2010, p. 203).

O que Bagno pretende é mostrar que essas variantes não são erradas, mas seguem a lógica e a dinâmica da língua: o que em linguística chama-se “lei do mínimo esforço”. “[...] segundo a qual se explicaria toda mudança lingüística [sic] como uma tendência dos seres humanos a optarem por ações mais simples em detrimento de outras opções mais complexas”. (CHAGAS, 2003, p. 162). A partir deste ponto, o filólogo vai apresentar um paralelo entre o latim, o português arcaico e o português não-padrão, a fim de mostrar uma dinâmica onde o erro era considerado certo e o que é certo foi considerado erro.

Foram muitas lições de variação linguística sincrônica e diacrônica aplicadas pela professora Irene: a rotacização do L em encontros consonantais; a eliminação das marcas de plural redundantes; a transformação do LH em I; a simplificação das conjunções verbais; a transformação de ND em N e de MB em M; a redução do ditongo OU em O e do ditongo EI em E; a contração das proparoxítonas em paroxítonas; a desnasalização das vogais postônicas; os arcaísmos no português do Brasil; a adaptação da partícula SE como verdadeiro sujeito de oração; fenômenos decorrentes da analogia; e o uso do pronome MIM como sujeito de infinitivos. Não cabe aqui fazer a

²⁷ Em estudos posteriores, Bagno irá reformular sua teoria. Na quinta edição de *A Língua de Eulália*, de dois mil, ele irá adicionar um capítulo onde declara não se tratarem de duas variantes, pois a norma-padrão é inatingível, “de um lado, em termos de *representação do imaginário lingüístico [sic]*, é uma norma-padrão ideal, inatingível e, de outro lado, em termos de *realidade lingüística [sic] e social*, a massa de variedades reais, concretas, como se encontram na sociedade”. (BAGNO, 2010, p. 161). Então há uma norma mais próxima da norma-padrão idealizada e a outra está mais distante, porém sem divisões estruturadas, mas em uma mutação contínua: “essas variedades não se encontram isoladas umas das outras, elas não são ‘coisas’ prontas e acabadas, de contornos definidos. Elas têm muitas semelhanças e algumas diferenças entre si. Elas têm contatos umas com as outras, elas representam um espectro contínuo, ou simplesmente um *continuum*, como se diz nas ciências sociais”. (*Ibid.*). Mais tarde, o próprio Bagno vai mudar o termo “variantes mais cultas”, pois acredita que esse termo exalta a figura da classe opositora. Atualmente, ao menos em seu último trabalho, utiliza-se no decorrer de seu livro a expressão variante de maior prestígio e variantes de menor prestígio (BAGNO, 2005).

explicação de cada um desses processos e nem se faz necessário. Do ponto de vista linguístico, enquanto ciência que analisa os fenômenos linguísticos e busca compreendê-los, a pesquisa de Bagno é perfeita, porém o discurso que corre por trás é que é tendencioso e é o que se busca evidenciar neste trabalho.

Marcos Bagno não se satisfaz em apresentar o fenômeno de variação linguística, como designou Saussure, mas o justifica e ainda o leva à luta ideológica. O autor adapta neste livro sua teoria de preconceito linguístico que desenvolverá em vários livros posteriormente. Entre eles, o mais célebre é o livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, publicado em 1999. Afinal, para ele: “O problema dessas pessoas, então – conclui Silvia –, não é lingüístico [sic], é social”. (BAGNO, 2010, p. 47). Um exemplo clássico disto é o trecho a seguir:

Quem fala o “inglês da Rainha” pertence à aristocracia, à nobreza, e seu modo de falar marca uma diferença (e até uma rejeição) em relação à língua da plebe, da rafaméia, à língua “vulgar”[...] Por isso tanto empenho em conservar a norma-padrão inalterada, pura, sem corrupções. Dessas classes dominantes emergem então os defensores do padrão, que são principalmente os gramáticos normativistas e os professores de língua que seguem a ideologia conservadora. (*Idem*, p. 172).

Assim, o discurso de Marcos Bagno deixa de ser uma questão de fenômenos linguísticos, mas passa a ser uma questão de luta social. Pois o português não-padrão “tem palavras usadas por pessoas que, como bem disse a Vera, sofrem com as injustiças sociais, nunca puderam ir à escola aprender a língua literária, escrita dos ‘ricos’, e falam um português diferente do nosso”. (*Idem*, p. 47). Para o autor, o português padrão só tem mais valor por causa de uma convenção política preconceituosa, ou como ele mesmo declarou: uma “ideologia lingüística [sic] arcaica e discriminadora”. (*Idem*, p. 210).

Bagno argumenta que o português-padrão, ao ser escolhido em detrimento da variante mais humilde, acabou por se enriquecer por meio da atenção que recebe: “Por causa de tal investimento, a norma padrão tem

principalmente mais palavras eruditas, tem mais termos técnicos, tem um vocabulário maior e mais diversificado”. (*Idem*, p. 23). E o autor continua:

Ela também tem mais construções sintáticas consideradas de bom-gosto, tem expressões de origem erudita que servem de modelos para serem imitados, metáforas clássicas que dão um ar ‘nobre’ à linguagem... mas se esse mesmo investimento fosse aplicado a qualquer uma das muitas variedades faladas no país, ela também se enriqueceria e se mostraria capaz de ser veículo para todo tipo de mensagem, de discurso, de texto científico e literário [...] (*Ibid.*).

Ou seja, para Marcos Bagno o português não-padrão não é melhor que os demais, ele só se desenvolveu mais por ser mais trabalhado eruditamente. “Na verdade, ela nada tem de *melhor* que essas variedades, ela só tem *mais* que as outras”. (*Ibid.*). O autor então prova linguisticamente que há uma ordem lógica gramatical nas outras variantes e argumenta a valorização que a norma padrão recebe em detrimento das outras, instituindo assim uma luta social para o fim do preconceito linguístico, pois a variante de português marginalizada o é apenas porque o povo que a fala também o é. “Por ser utilizado por pessoas de classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela terrível injustiça que impera no Brasil [...], o PNP²⁸ é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. Ele é considerado ‘feio’, ‘deficiente’, ‘pobre’, ‘errado’, ‘rude’, ‘tosco’, ‘estropiado’”. (*Idem*, p. 28). Tal é o disparate dos defensores da norma padrão que valorizam a língua dos mais ricos e poderosos socialmente:

O R “caipira”, que nós lingüistas [*sic*] chamamos de R *retroflexo*, é vítima de muita zombaria por parte dos falantes das variedades urbanas. No entanto, esses mesmos falantes vão para os cursos de inglês aprender a pronunciar esse R em palavras como fork (“garfo”), morning (“manhã”), carpet (“tapete”), à maneira dos americanos. E não me consta que fiquem zombando dessa pronúncia nem chamando os americanos de “caipiras”[...] (*Idem*, p. 57).

Não há nenhum erro em criticar a postura preconceituosa de algumas pessoas que ridicularizam o povo mais simples e de menos educação formal.

²⁸ PNP: Português não-padrão (sigla utilizada pelo autor).

Qualquer forma de discriminação é um erro grave, e assim também o é o preconceito linguístico. “Em nome da boa língua pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos”. (SCHERRE, 2008, p. 43). Dessa forma, os ataques de Marcos Bagno à repressão das camadas mais carentes da sociedade brasileira são louváveis, porém Bagno vai mais além, como o mesmo povo simples diria em sua linguagem simples que o filólogo defende: “ele pulou o corquinho”.

Nossa escola, nossas gramáticas normativas, nossos livros didáticos, nossa psicologia educacional – prossegue Irene –, imbuídos da crença de que um aprendiz nada tem a mostrar, e que, ao contrário, é “deficiente”, “carente”, “inepto”, assumem sem disfarce a tarefa de “ensinar”, de incutir uma língua diferente, tida como intrinsecamente “boa” e “perfeita”. O fracasso dessa atitude fica bem claro no número impressionante de alunos que abandonam a escola. Isso vem mostrando que já é hora de tentar *educar*, de destravar os alunos das classes desfavorecidas, pra que possam “pôr para fora” suas experiências, sua língua, e passem a falar por si mesmos. (BAGNO, 2010, p. 63).

O que Marcos Bagno passa a exigir é que a linguagem que ele definiu como idealizada e escolhida²⁹ por uma elite seja tirada do pódio e que concomitante a ela se ensine as demais variantes, por fim, ele quer que a norma-padrão ceda seu lugar à língua falada, bem mais fluída e dinâmica. “Mas a norma-padrão está sempre em atraso em relação às variedades vivas da língua, onde as formas novas não param de surgir, concorrendo com as mais antigas até eliminá-las ou transformá-las em fósseis lingüísticos”. (BAGNO, 2010, p. 171). Em outras palavras, Bagno quer que as regras da norma-padrão caiam e tome a nova ordem o português não-padrão.

A língua (na verdade, um ideal de língua, um modelo semiartificial que não representa de fato o uso de nenhum seguimento social) sempre foi um poderoso instrumento e

²⁹ “No momento em que se estabeleceu uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas ‘impróprias’, ‘inadequadas’, ‘feias’, ‘erradas’, ‘deficientes’, ‘pobres’...E esta norma-padrão passa a ser designada com o nome da língua, como se ela fosse a única representante legítima e legal dos falantes desta língua”. (BAGNO, 2010, p. 25).

dominação simbólica, um bem supostamente reservado a uma pequena parcela de privilegiados – retirar esse instrumento das mãos de uns poucos e transformá-lo num bem acessível a todos os cidadãos, democratizando seu uso e reconhecendo o valor de todas as manifestações vivas da linguagem, decerto representa um perigo para a preservação de um tipo de sociedade, como a brasileira, que se constituiu historicamente como uma das mais excludentes e opressoras do mundo. (*Idem*, p. 211).

É curioso notar que o mesmo professor que defende a posse da maior quantidade possível de variantes para os alunos³⁰, que este saiba “adequar à situação de uso da língua em que se encontra”, (BAGNO, 2011, p. 154), é o mesmo professor que deseja que a norma-padrão se mude de uma vez, adaptando-se a dinamicidade da fala. Acontece que a intenção de Marcos Bagno não é de apenas explicar um fenômeno sociolinguístico ou de acabar com um preconceito. O que ele quer é trazer uma luta ideológica para a esfera da linguagem.

LÍNGUA E CULTURA

Assim como já ficou declarado a natureza interdisciplinar dos estudos linguísticos³¹, é possível diagnosticar a interligação da língua com a cultura de uma sociedade. “Os costumes duma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação”. (SAUSSURE, 1989, p. 29). Logo, é possível verificar que há uma revolução cultural ocorrendo no ocidente, e não deixará esta de implicar mudanças na língua, e vice-versa.

³⁰ Sobre este ponto, talvez um dos trechos mais elucidativos do livro seja: “O falante culto é como alguém que tem uma quantidade bem grande de roupas, dos mais variados estilos, e na hora de se vestir vai escolher aquela que ele acha mais apropriada para a ocasião – sugere Emília. – Já o falante menos culto tem um guarda-roupas pobrezinho, com duas ou três peças que ele tem de usar o tempo todo em todas as situações”. (*Idem*, p. 165).

³¹ “Há já algum tempo, vários pesquisadores têm, explícita ou implicitamente, sustentado a hipótese de que a língua humana é mais caracterizada como sistema complexo, dinâmico e adaptativo. Esses pesquisadores vêm de áreas tão diversas quanto a Linguística e as Ciências da Computação, a Sociologia e as Ciências da Cognição, as Neurociências e a Filosofia”. (VIOTTI, 2013, p. 149).

Revolução cultural e Linguagem

Por muitas vezes a ideologia marxista decidiu trazer a revolução prometida como último passo do movimento dialético histórico. Porém, a revolução política muitas vezes falhou, mas foi Gramsci que elaborou o plano mais infalível, onde o marxismo deveria penetrar a cultura ocidental e conquistar as nações de dentro para fora.

O objetivo primeiro do gramscismo é muito amplo e geral em seu escopo: nada de política, nada de pregação revolucionária, apenas operar um giro de cento e oitenta graus na cosmovisão do senso comum, mudar os sentimentos morais, as reações de base e o senso das proporções, sem o confronto ideológico direto que só faria excitar prematuramente antagonismos indesejáveis. (CARVALHO, 2014, p. 79).

Quanto a isso, foram muitos os que se debruçaram em traçar planos sobre como dominar as mais diversas áreas culturais. “Desde que Stalin ordenou que o movimento comunista explorasse todos os possíveis conflitos de raça e lhes desse o sentido de luta de classes, ninguém obedeceu talvez a essa instrução com mais presteza, fidelidade e constância do que os ‘cientistas sociais’ brasileiros”. (CARVALHO, 2013, p. 299). Entretanto, foi a língua um dos meios mais urgentes de ser conquistado. Afinal: “Mais evidente ainda é a importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro”. (SAUSSURE, 1989, p. 14).

Mas porque a cultura e língua são tão associadas? Ora, toda produção cultural humana se dá por meio da linguagem, e a maior parte dessa é expressa de uma forma ou de outra na língua, seja ela escrita ou falada. Ao contrário de qualquer outra estrutura, a língua consegue abarcar toda a cultura de um povo.

A língua, pelo contrário, está ligada directamente [sic] ligada à produção, à actividade [sic] produtiva do homem, e não só à actividade [sic] produtiva, mas a todas as outras actividades [sic] do homem em todas as esferas do seu trabalho, desde a produção até à base, desde a base até à superestrutura. É por isso que a língua reflecte [sic] as transformações na produção

de maneira imediata e directa [sic], sem esperar as transformações [sic] na base. É por isso que a esfera de acção [sic] da língua, que abrange todos os domínios da atividade [sic] do homem, é muito mais extensa e variada que a esfera de acção [sic] de superestrutura. Mais ainda: é quase ilimitada. (STALINE J., *apud* MARCELLESI; GARDIN, 1975, p. 84-85).

Como poderoso instrumento de dominação cultural, o pensador marxista Mikhail Bakhtin irá se debruçar sobre a linguagem com uma filosofia marxista da linguagem, onde vai negar as teorias linguísticas vigentes que não estão de acordo com seus interesses, a saber: o estruturalismo de Saussure e o gerativismo de Chomsky. (COSTA; ELIAS, 2011, p. 38-39). O que Bakhtin almeja é propor o marxismo à teoria linguística:

A única maneira de fazer com que o método sociológico marxista dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas 'imanescentes' consiste em partir da filosofia da linguagem concebida como *filosofia do signo ideológico*. E essa base de partida deve ser traçada e elaborada pelo próprio marxismo. (BAKHTIN, 1979, p. 24)³².

Porém, o filósofo russo só o faz na esfera da filosofia da linguagem, enquanto o filólogo brasileiro adapta toda teoria para a estrutura científica linguística.

Aqui está o ponto central da ideologia por trás da sociolinguística de Marcos Bagno. Utilizando-se de uma divisão linguística de opressores e oprimidos (MARX; ENGELS, 2009, p. 45), Bagno quer romper com as estruturas da norma-padrão, a fim de trazer a revolução proletária à atmosfera da língua. Já que como afirma o profeta da revolução proletária, Karl Marx: "O proletariado, estrato inferior da atual sociedade, não pode erguer-se, pôr-se de pé, sem que salte pelos ares toda a superestrutura dos estratos que constituem a sociedade oficial". (*Idem*, p. 56).

³² Ainda sobre a refutação bakhtiniana das teorias estruturalista e gerativistas: "O autor defende que a realidade da língua é social e que, por essa razão, a 'verdade' da língua não se encontra nem em uma nem em outra teoria, mas na síntese dialética entre ambas". (COSTA; ELIAS, 2011, p. 39).

Luta de classes na esfera linguística

Como foi citado acima, os intelectuais brasileiros foram os que mais se dedicaram a buscar os possíveis conflitos de raça e lhes desse o sentido de luta de classes. (CARVALHO, 2013, p. 299). Sem dúvidas, Marcos Bagno foi um dos mais felizes nessa empreitada.

Caso ainda não tenha ficado claro, faz-se necessário mostrar taxativamente quais são as intenções do filólogo mineiro. O que Bagno deseja é implodir as estruturas da cultura ocidental, onde a língua – e descobrir isso foi mérito dele – com influência na gramática clássica e na literatura é sem dúvidas uma das bases e, portanto, dos empecilhos para a revolução, tal qual a religião e moral judaico-cristã, o direito romano e a filosofia grega³³. Como ele mesmo declarou:

O conhecimento seguro e sereno dos fenômenos de variação é, de fato, nossa principal arma na luta contra o *preconceito lingüístico* [sic], tão fortemente entranhado na cultura ocidental e com conseqüências [sic] ainda mais perversas em sociedades como a brasileira, rigidamente hierarquizada e com índices alarmantes de exclusão social e de péssima distribuição de renda. (BAGNO, 2010, p. 209)³⁴.

Segue um trecho que demonstra uma profunda relação com os teóricos culturais comunistas, que sem dúvidas o professor Marcos Bagno deve ter lido:

Normal era Gyorgy Lukács. Cabia a este, portanto, a alta missão de descobrir quem havia produzido a insanidade proletária. Hábil detetive, logo descobriu o culpado: era a cultura ocidental. A mistura do profetismo judaico-cristão, direito romano e filosofia grega era uma poção infernal fabricada pelos burgueses para iludir os proletários. Levado ao desespero por tão angustiante descoberta, o filósofo exclamou: “Quem nos salvará da cultura ocidental?”. (CARVALHO, 2014, p. 160).

³³ É sabido que as bases do pensamento e civilização ocidental são as culturas provenientes de Roma, Jerusalém e Atenas. Porém, o que pouco se discute é que não foram apenas a religião, moral, filosofia e direito que os povos dessas civilizações deixaram como legado, mas também sua língua clássica de variação rica e gramática complexa, tudo escrito e compilado e empregado na literatura. Portanto, investir contra o patrimônio deste tripé clássico implica investir contra a língua. “As leis, a moral, a religião são para ele meros preconceitos burgueses, por detrás dos quais se ocultam outros tantos interesses burgueses”. (MARX; ENGELS, 2009, p. 56).

³⁴ Grifo nosso.

Então, para que se instaure a revolução, Bagno precisava colocar o motor do pensamento marxista: a síntese dialética na luta de classes. “A história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história de luta de classes”. (MARX; ENGELS, 2009, p. 45). Combinando ideologia e linguagem (MARCELLESI; GARDIN, 1975, p. 216) e o discurso científico como o ideológico (*Idem*, p. 289), Bagno cria na sua lógica dualística de português padrão e não-padrão uma lógica de português burguês e português proletário³⁵, bem nos moldes dos filósofos da linguagem marxistas.

E quando Engels (**A situação das classes trabalhadoras em Inglaterra**) diz que ‘os operários falam um dialecto [*sic*] diferente do da burguesia’, é justamente a palavra **dialecto**[*sic*] que ele emprega (pág. 22). Poderiam explicar-se assim as expressões **língua nobre, língua aristocrática**, que se encontram em Lafargue, quando se explicou ‘a língua (...) produto da burguesia’ (cf. supra). (MARCELLESI; GARDIN, 1975, p. 95)³⁶.

O que era uma questão de evolução histórica passa a ser uma questão de combate ideológico, um combate da ideologia marxista contra uma “[...] ideologia prescritiva, normativa, repressora e, no fim das contas, excludente e preconceituosa que sempre caracterizou o ensino de língua no Brasil”. (BAGNO, 2010, p. 210).

Mas porque essa divisão? Ora, colocar a luta de classes na língua é colocar a luta de classes na sociedade³⁷. “Não é verdade que a língua seja apenas um fenómeno [*sic*] de classe; e não é verdade, em sentido inverso, que a língua não sirva nunca interesses de classe”. (MARCELLESI; GARDIN, 1975, p. 288). Afinal, como já foi provado: “A linguagem tem um lado individual e um

³⁵ Embora tardiamente e o autor tenha adicionado algumas modificações na sua teoria, ela não muda a dualidade apresentada onde um lado tende para o cumprimento da norma padrão e o outro, mais humilde, para a dinâmica interna da língua.

³⁶ Os termos em negrito seguem conforme o texto original.

³⁷ É interessante notar que nem todos os comunistas são adeptos da teoria de segregação da língua. O próprio soviético J. Staline foi taxativo em sua opinião contrária: “Só a ignorância em matéria de marxismo e a incompreensão total da natureza da língua puderam sugerir a alguns dos nossos camaradas essa fábula sobre desagregação da sociedade, sobre as línguas ‘de classe’ e sobre as gramáticas ‘de classe’”. (STALINE, J. *apud* MARCELLESI; GARDIN, 1975, p. 85).

lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. (SAUSSURE, 1989, p. 16). Portanto, gerar a divisão de classes na língua pode acarretar em uma divisão de classes: “[...] tanto a língua quanto a sociedade podem apresentar uma grande heterogeneidade. Essa heterogeneidade é no fundo a raiz de toda mudança e podemos verificar que a heterogeneidade na sociedade pode gerar heterogeneidade na língua, e vice-versa”. (CHAGAS, 2003, p. 151).

Mas se já há o preconceito e a segregação por parte dos reacionários, porque temer a divisão das classes? Sobre isso irá se tratar na próxima parte, mas adianta-se que o que Bagno deseja é que o português padrão seja posto de lado e que as formas populares sejam celebradas como alta cultura. É curioso notar que o autor da *Gramática de bolso do português brasileiro* (2013) tenha cumprido a previsão feita na filosofia da linguagem soviética:

Se a sociedade se desagregou e se já não houver língua nacional, que é que resta então? Restam as classes e as ‘línguas de classe’. É evidente que cada ‘língua de classe’ terá a sua gramática ‘de classe’: gramática ‘proletária’ e gramática ‘burguesa’. É certo que essas gramáticas não existem; mas isso não atrapalha esses camaradas, que estão persuadidos de que essas gramáticas acabarão por surgir. (STALINE, J. *apud* MARCELLESI; GARDIN, 1975, p. 85).

Marcos Bagno portanto, estabeleceu a luta de classes dentro da Língua Portuguesa Brasileira e convocou todos os pobrezinhos para tomarem as honrarias da alta cultura erudita do Brasil com um grito adaptado de seu guru Karl Marx, como se dissesse “Variantes de menor prestígio de todo o Brasil, uni-vos!”.

GRAMSCISMO LINGUÍSTICO?

A ideologização da língua de Marcos Bagno não é uma ameaça pela sua bela promessa, já apoiada por Santo Agostinho³⁸, de acabar com o preconceito

³⁸ Aqui cabe uma defesa a Santo Agostinho cuja frase “*melius est reprehendant nos grammaticiquam non intelligentpopuli*” vem sendo utilizada descontextualizada e sem a devida referência por dezenas de sociolinguistas como argumento para a banalização da norma-padrão. Acontece que essa frase está nos comentários ao versículo quinze do Salmo 138: “Meus ossos, que formastes secretamente, não te são ocultos”. O Doutor da Graça utiliza-se no singular latino “*ossum*” (osso) para evitar que o plural deste

contra o povo humilde. Por trás dessa aparência de Robin Hood da linguística está um plano muito bem elaborado para desarticular a cultura erudita e estabelecer a confusão na cultura que chamam reacionária (MARX; ENGELS, 2009, p. 55) trazendo um verdadeiro barbarismo com ares de democratização do ensino de línguas.

Em defesa da cultura

Como foi tratado anteriormente, língua e cultura estão totalmente interligadas. Proteger a norma-padrão não é uma questão de purismo linguístico, mas trata-se de proteger o depósito das tradições culturais românicas. “A destruição da linguagem precede o embotamento das consciências”. (CARVALHO, 2013, p. 285). Parece forte dizer que se deseja destruir a cultura ocidental, mas isso faz parte de uma agenda política ideológica já denunciada por grandes filósofos: “Tudo isso é sinal de barbarismo. A filosofia se barbariza, como também a religião, pretendendo descer às multidões, e a própria ciência ao ceder aos ímpetos primitivos”. (SANTOS, 2012, p. 111).

É claro que a língua passa por mudanças e que estas não podem ser contidas. Marcos Bagno acerta em cheio quando afirma: “O que a história das línguas – de *todas* as línguas – nos ensina é que, ao longo do tempo, não importa qual for a intensidade da pressão normativizadora, a norma-padrão vai sofrer alteração”. (2010, p. 167). Afinal, desde que a linguística foi concebida enquanto ciência, isso é claramente observável. “A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua. Dessa forma, ela está sujeita a alterações nessa recriação”. (CHAGAS, 2003, p. 150).

“os” (ossos) seja confundido com uma palavra homófona (*os*: boca). É essa confusão que ele quer evitar e por isso utiliza-se de um subterfúgio literário para tal, pois passa a interpretar “osso” como a firmeza interior. (AGOSTINHO, 1998, p. 180). É risível que utilizem um dos autores que expressam o baluarte da literatura e erudição ocidental para tal fim. Afinal, ele mesmo conta de si: “eu gostava muito do latim, mas não aquele que é ensinado nas primeiras classes, e sim do que é ensinado pelos chamados gramáticos”. (AGOSTINHO, 2010, p. 32). Seria de menor desonestidade intelectual utilizar um outro trecho de seus escritos, todo o parágrafo vinte e nove de suas *Confissões* que trata sobre a gramática. Segue um trecho: “Certamente essas regras de linguagem não estão mais profundamente gravadas em nós que esta lei da consciência: ‘não fazer aos outros o que queremos que os outros nos façam’”. (*Idem*, p. 40). Certamente esse trecho trata muito melhor sobre o preconceito linguístico, mas acredito que a referência a um Deus e uma lei da consciência deve deixar qualquer marxista desconfortável, bem mais do que falar de amor em uma ideologia que matou milhões.

Dessa forma, admite-se que o problema da teoria de luta de Marcos Bagno não é meramente mudar uma língua que deveria ter sua forma pura protegida. O problema da ideologia de Marcos Bagno é querer acelerar o processo natural em vista de uma ideologia de classes. “A língua se transforma sem que a massa falante possa transformá-la por sua vontade. A língua sofre a influência de todos que a usam, mas, justamente por ser a língua que integra uma massa social, não se deixa revolucionar”. (VIOTTI, 2013, p. 141).

O processo de evolução de uma língua deve ser natural, a falta de fluidez das mudanças se deve justamente ao fato de que “[...] a língua escrita é sempre mais conservadora do que a língua falada”. (CHAGAS, 2003, p. 141). E se a língua escrita assume essa postura conservadora, não é por purismo, mas porque é depósito de uma tradição cultural. Pois, a dependência da língua escrita é própria dos homens civilizados, e os bárbaros são mais apegados à oralidade. Calvet aponta essa diferença com a “Escrita como feito do ‘homem civilizado’ e linguagem oral do povo bárbaro”. (2011, p. 123). Mas por que há uma aversão à escrita por parte dos bárbaros? Quem responde a essa questão é o filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos (2012, p. 93):

O bárbaro, por suas condições, tem verdadeira ojeriza da inteligência. Sua inteligência permanece quase totalmente dentro do campo da esfera cogitativa, que é um grau primário daquela. Sua esquemática é fundada nos sentidos, e seu pensamento situa-se nos dados da memória e no material oferecido pela fantasia, pela imaginação, sobre os quais ele trabalha, construindo esquemas de primeiro grau de abstração, já que os esquemas de segundo e de terceiro graus exigem maiores esforços, aos quais, em geral, não os alcança em seu conteúdo noemático, mas apenas *nominaliter*. Usa as palavras correspondentes, sem que haja precisão na representação o resultado é a dificuldade que tem em compreender tais esquemas e, como a raposa ante a uva, toma a atitude de desprezo. Procura esconder a sua insuficiência, negando o valor ao que o suplanta. A luta contra os altos voos da inteligência então se processa.

Esse desdém pelas regras revela uma certa aversão pela gramática. Isto não se refere a Bagno cujo domínio linguístico e gramatical da Língua Portuguesa é evidente, mas não deixa de ser uma defesa ideológica deste em favor da barbarização do ocidente, cuja cultura erudita revelou-se empecilho

para a revolução, como se demonstrou no capítulo anterior. O resultado disso é o analfabetismo funcional (CARVALHO, 2013, p. 249) com que os estudantes oprimidos pela gramática podem se ver livres para se fechar no mundinho nas suas experiências domésticas, muitas vezes pobres, próprias. “Talvez visando a essa felicidade é que não cuidam do sério aprendizado do nosso idioma, para que, despreocupados das regras de gramática, livres das tradições dos bons escritores, possam dizer e escrever, a torto e a direito, o que pensam”. (ALMEIDA, 2009, p. 3). Essa é a grande síntese do fenômeno sociolinguístico iniciado por Bagno e outros tantos linguistas e pedagogos de cunho marxista.

O socioconstrutivismo mistura a alfabetização com a aquisição de conteúdos, com a socialização e até com o exercício da reflexão crítica, tornando o processo enormemente complicado e, no caminho, negligenciando a aquisição das habilidades fonético-silábicas elementares sem as quais ninguém pode chegar a um domínio suficiente da linguagem. (CARVALHO, 2013, p. 363).

Por fim, a postura de Bagno não só desconstrói a língua e a sociedade como é um veneno para a própria ciência linguística, pois: “Tratar a língua humana como um sistema complexo, dinâmico e adaptativo significa, antes de mais nada, não assumir uma postura dualista para definí-la e investigá-la”. (VIOTTI, 2013, p. 152). Assim sendo, reitera-se mais uma vez que não se deve apressar a mudança da língua, pois “Quando, por outro lado, o novo dado linguístico é discrepante em relação aos padrões já arraigados, o sistema vai se auto-organizar, estendendo os padrões de ativação já existentes até formar categorias radiais e rearranjando as conexões de rede entre as categorias que constituem o sistema, para acomodar aquela inovação”. (*Idem*, p. 171). A postura correta é observar cientificamente as mudanças e entender como ocorrem, sabendo que sua naturalidade não traz uma ruptura com a tradição do passado, ponto de suma importância que será tratado a seguir.

Conservadorismo e Gramática

Ao se chegar à conclusão de que a língua não está de acordo com a fala atual do povo nem é imutável, pergunta-se para quem é essa norma-padrão afinal. Ora, a norma-padrão está como ponte entre os homens que vivem e falam hoje e os que já morreram, mas ainda tem voz por meio da tradição. “A tradição pode ser definida como uma extensão do direito de voto, pois significa, apenas, que concedemos o voto às mais obscuras de todas as classes, ou seja, a dos nossos antepassados. É a democracia dos mortos. A tradição se recusa a submeter-se à pequena e arrogante oligarquia daqueles que parecem estar por aí meramente de passagem”. (CHESTERTON, 2001, p. 69). Enquanto o marxista chama aqueles que buscam preservar essa tradição de reacionários, é preferível o nome conservador³⁹. Conservador é aquele que garante o direito de todos, o que leva à democracia ao seu nível mais (com o perdão da redundância) democrático, pois todos, vivos e mortos, têm o direito de serem ouvidos e de entenderem-se mutuamente. O conservadorismo na língua se dá pela língua escrita. “A qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como herança da época precedente”. (SAUSSURE, 1989, p. 85). O conservadorismo, isto é, a permanência e resistência da língua escrita, mantém a história viva nas línguas como bem evidencia o genial e sempre atual G. K. Chesterton:

Suponha qualquer sentença que quiser; suponha que um homem diga: “As repúblicas geralmente encorajam os feriadós”. Parece o cabeçalho de um caderno de caligrafia. Ora, é perfeitamente verdadeiro que, se você escrever aquela sentença exatamente como é pronunciada, mesmo por pessoas muito instruídas, ficaria assim: “As repúblicas jeraumentí eincourájaum os fêriádus”. Isto é feio; porém, não tenho a menor objeção à feiúra. Minha objeção é que cada uma destas quatro palavras tem uma história e um tesouro escondido; que esta história e tesouro escondido (que hoje já tendemos excessivamente a esquecer) podem ser completamente esquecidos por causa da escrita fonética. [...] Escritas corretamente, todas essas palavras contam uma história sublime, como a Abadia de Westminster. Escritas

³⁹ “O conservadorismo é a arte de expandir e fortalecer a aplicação dos princípios morais e humanitários tradicionais por meio dos recursos formidáveis criados pela economia de mercado”. (CARVALHO, 2013, p. 591).

foneticamente, poderiam perder os últimos resquícios dessa história. “Geralmente” é um elevado termo metafísico; “jeraumentí” não é. (CHESTERTON, 2013, p. 188-189).

Ao que o pensador britânico conclui: “Se você escrever uma palavra errado, terá alguma tentação de entendê-la errado”. (CHESTERTON, 2013, p. 191). Porque a marcação gráfica é mais que mera imitação da fala, de uma forma que uma é natural e bondosa como o selvagem de Hobbes e a outra uma ditadora cruel. A escrita traz significados antigos que há muito se perderam da tradição oral, como se demonstrou no trecho supracitado. “Embora esteja constantemente sob a influência da massa falante, para Saussure a língua não se abre totalmente às iniciativas de modificação que eventualmente venham a ser propostas”. (VIOTTI, 2013, p. 141). E o motivo vem a seguir: “Isso é assim porque a língua é a herança de um passado, e essa herança cerceia a liberdade de escolha da massa falante. Existe, portanto, um vínculo e um equilíbrio entre duas forças antitéticas: a convenção arbitrária que permite a livre escolha; e o tempo, que fixa a escolha”. (*Ibid.*). Dessa forma, a mudança e a permanência não se enfrentam de uma forma dialética, mas combinam-se e ajustam-se em uma linha de adaptações.

Por fim, questiona-se o argumento principal colocado por Marcos Bagno como motor da mudança: a lei do menor esforço⁴⁰. Essa lei, em uma simples projeção, revela-se como uma aniquiladora de toda e qualquer riqueza de uma língua. Reduzindo a uma linguagem tribal e primitiva, uma língua que pode ter produzido grandes epopeias. “Se a tendência dos falantes a exercer o mínimo esforço possível agisse livremente ficaríamos apenas com estruturas extremamente simples e insuficientes para a comunicação em sociedade”. (CHAGAS, 2003, p. 162). Mais adiante o autor explica:

Limitando a ilustração a um exemplo fonológico, ficaríamos só com palavras com uma sílaba (por serem mais simples) e somente com o tipo mais comum de sílaba, tido como ideal em termos de facilidade de articulação e percepção, a sílaba CV (consoante mais vogal). Uma língua que tivesse vinte consoantes e cinco vogais, algo próximo do português, teria à

⁴⁰ Exceto pelos arcaísmos do português, todos os fenômenos descritos por Bagno e apontados na primeira capítulo deste trabalho têm sua base nessa lei.

sua disposição apenas cem palavras diferentes. Evidentemente essa seria uma língua insuficiente quer em termos de possibilitar o pensamento humano, quer em termos de comunicação. Vemos que contrabalançando os efeitos de um mínimo esforço do falante há pelo menos a necessidade de ser compreendido pelos seus interlocutores e continuar a expressar as distinções existentes na língua. (*Ibid.*).

Ou seja, sem a tradição, para refrear a evolução da língua, esta acabasse por seguir uma tendência que a arruinaria e, tal como evoluiu a ponto de desenvolver uma escrita e esta por sua vez gerar uma literatura, ela se reduziria a mera comunicação silábica, não muito diferentes de tribos primitivas, a completa barbarização e eliminação da cultura ocidental. Mas, como foi evidenciado ao longo deste trabalho, parece ser esse mesmo o objetivo daqueles que enfrentam a norma-padrão sob a bandeira de defensores dos oprimidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se apresentar a tese de Bagno, suas ideias escondidas que lhe dão sustentação e um discurso contrário, espera-se denunciar o mal de Babel que se planeja para o ocidente. Mas se há uma solução para evitar tal perigo, engenhosamente planejado e estruturado, que advêm, fogem as forças deste trabalho. Como bem foge às forças dos filósofos que notaram essa movimentação: “Se me perguntarem como esse processo pode ser detido, responderei que, obviamente, não sei. Mudar o curso da história está além das minhas pretensões: elas se resumem, no momento, em tentar enxergá-lo. E notem que, no meio da cegueira geral, isso já é muito para um pobre observador humano”. (CARVALHO, 2014, p. 149).

No caso da língua, tudo que se pode recomendar é o estudo profundo da língua e suas tradições, isto é, a gramática e a literatura. “A Gramática ou se estuda ou não se estuda”. (ALMEIDA, 2009, p. 02). E, quem sabe, poderão

surgir grandes nomes da língua portuguesa brasileira como foi no passado. Ao invés de se acreditar que a língua erudita é algo sagrado nas mãos de uma classe superior, justificando portanto a preguiça intelectual e o analfabetismo funcional dos estudantes do Brasil que chegam ao ensino superior sem saber fazer uma simples análise textual. Como bem denuncia o filósofo:

Parece incrível, mas, num país onde as maiores conquistas da inteligência foram méritos de pés-rapados – um Machado de Assis, um Capistrano de Abreu, um Cruz e Souza, um Farias Brito e *tutti quanti* –, a cultura continua a ser vista, sobretudo pelos que têm preguiça de adquiri-la, como um bem de consumo reservado às classes superiores, um emblema de chiqueza com que os pedantes humilham os pequeninos. (CARVALHO, 2013, p. 250-251).

Assim sendo, conclui-se apenas dizendo que a luta ideológica não deveria adentrar o discurso e estudo científico da linguística, que busca compreender os fenômenos da língua e não fazer cartilha política. Não é errado combater o preconceito linguístico, como apontava Santo Agostinho séculos antes de Bagno ou qualquer marxista: “se um daqueles que conhecem e ensinam as antigas convenções gramaticais, as transgride, pronunciando a palavra *homo* sem aspirar a primeira sílaba, desagrada aos homens, mais do que se ele contrariar os teus mandamentos, odiando ao homem, que é seu semelhante”. (AGOSTINHO, 2010, p. 39). O erro é gerar o ódio e a desconfiança por parte dos falantes da língua portuguesa, isso já está fora da natureza científica da linguística, sendo mera ideologia.

Por isso, ainda que contenha argumentos científicos e muito bem estruturados, o livro de Marcos Bagno é um manifesto ideológico, uma cartilha comunista, o manifesto de Eulália que por trás do discurso sociolinguístico esconde uma filosofia marxista da linguagem que, por ignorância ou maldade, vem ganhando cada vez mais novos e dedicados adeptos.

ABSTRACT

The present work had as objective to expose the ideas that compose the core of the thesis of Professor Marco Magno presented in his book *A Língua de*

Eulália and analyze them within the philosophical sphere, thus revealing that behind the discourse of linguistic prejudice and the duality of "Portuguese standard" and "non-standard Portuguese" are revealed as a Marxist discourse that inserts in the linguistic context the class struggle and the devaluation of the literate culture, typical of the West, arriving at the conclusion that Bagno didn't mistakes for a linguistic argument, but detracts from the facts in favor of Gramscist ideology. From this, it is evident that the intentions of the author are more than an issue of inclusive politics, but they are part of an old agenda of the communism. After these investigations, a reflection was made on the value of written tradition and grammar for the Portuguese language.

Key words: Marcos Bagno, sociolinguistics, cultural Marxism, language and culture.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO DE HIPONA. *Comentário aos Salmos*. vol. 3. São Paulo:Paulus, 1998.

_____. *Confissões*. 22. ed. São Paulo:Paulus, 2010.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *A Norma Oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3. ed. São Paulo: parábola, 2009.

_____. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 54. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

CALVET, Louis-Jean. *Tradição oral & tradição escrita*. São Paulo: Parábola, 2011.

CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*. Campinas: VIDE Editorial, 2014.

_____. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

- CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 141-163.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *Considerando todas as coisas*. Campinas: Ecclesiae, 2013.
- _____. *Ortodoxia*. São Paulo: LTr, 2001.
- COSTA, Keila Matilda de Melo; ELIAS, Carime Rossi. Estudos Partilhados sobre Linguagem com Base na Teoria Bakhtiniana. In: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilz Vanessa Rosa; LIMONTA, Sandra Valéria. *Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a didática*. Goiânia: CEPED/Editora PUC Goiás, 2011. p. 31-44.
- DUBOIS, Jean (Org.). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARCELLESI, Jean-Baptiste; GARDIN, Bernard. *Introdução à Sociolinguística: a Linguística Social*. Lisboa: Aster, 1975.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- SANTOS, Mário Ferreira dos. *Invasão vertical dos bárbaros*. São Paulo: É Realizações, 2012.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013. p. 101-135.